

AS DIFICULDADES NA PRODUÇÃO TEXTUAL APRESENTADA PELOS ALUNOS DA 5ª SÉRIE A DO ENSINO FUNDAMENTAL DO COLÉGIO ESTADUAL MONSENHOR CAMÉLIO COSTA

LIRIO, Amanda Myrella Rosa.

amandamyrella@msn.com

LEITE, Tânia Regina Carvalho Santos.

Graduada em Letras-Português/Inglês, Especialista em Educação e Mestre em Comunicação Social.

Prof^a do Curso de Letras-Português da Universidade Tiradentes _ UNIT

taniaregina65@hotmail.com.br

RESUMO

Este artigo objetiva discutir as dificuldades e a falta de familiaridade dos alunos quando se diz respeito ao gênero textual escrito dos alunos da 5ª série do ensino fundamental do Colégio Estadual Monsenhor Camélio Costa. Busca colocar em foco os métodos e técnicas utilizadas pelos educadores, com a finalidade de perceber e identificar os muitos problemas existentes em sala quando o assunto é a produção de textos e o porquê que os aspectos gramaticais estão sendo avaliados somente pela quantidade de violações, e não pela riqueza de recursos lingüísticos utilizados na expressividade de um texto.

AS DIFICULDADES NA PRODUÇÃO TEXTUAL APRESENTADA PELOS ALUNOS DA 5ª SÉRIE A DO ENSINO FUNDAMENTAL DO COLÉGIO ESTADUAL MONSENHOR CAMÉLIO COSTA

O presente artigo intitulado “As dificuldades na produção textual apresentada pelos alunos da 5ª série do ensino fundamental do colégio estadual Camélio Costa” analisa os métodos utilizados pelos educadores em sua didática escolar, que vem gerando tantos problemas na hora dos alunos colocarem no papel suas idéias sobre determinado tema.

Colocar em foco essa deficiência existente é muito importante, pois, muitas vezes, os educadores não conseguem identificar essas dificuldades, que podem estar não só nos alunos mais também nos próprios professores. A interação entre os dois deve ser constante e sem obstáculos para que ocorra o aprendizado, essa preocupação já existe desde o início da história de nossa língua.

Muitas são as causas para não escrever bem e o professor tem de estar atento a todas elas. Estas causas estão relacionadas com o tipo de cultura de cada aluno, que inclui os conhecimentos, os tipos de relação social, o processo de produção, as formas de organização, política, a religião, os costumes, a música, a dança, enfim, a questão cultural só poderá desenvolver-se estando ligada à educação.

O conhecimento transmitido de maneira correta faz com que se tenha uma capacidade muito maior de refletir a realidade, e posicionar-se diante dela com senso crítico, pois, o que se nota é a falta de preparação dos professores, que não procuram levar para sala de aula o que é de interesse dos alunos.

Além da aprendizagem escolar, os alunos já trazem uma bagagem de conhecimentos, muitas vezes não aproveitada. Portanto, quem ensina deve se colocar na posição de quem aprende e fazer o que for mais eficaz para o êxito. Através da escrita, a informação

pode ser transmitida a muitas outras pessoas que não estão diretamente relacionadas com quem escreve, pode-se aprender um pouco com todos.

Foi a partir de uma necessidade de reflexão na qualidade da escrita nas escolas que surgiu tal análise, isso na tentativa de saber como está sendo trabalhado todo esse processo com os alunos, pois, o que se observa é a falta de estímulo dos alunos quanto a produção textual nas aulas de redação, e esse é um assunto de preocupação de todos que estão ligados a educação.

Há uma importância de estimular os alunos a sentirem intimidade com a escrita, que automaticamente está ligada a leitura, e esse é um processo lento de muito trabalho e dedicação da parte dos educadores, o que resultará em alunos conhecedores dos seus próprios pensamentos e como os colocarão para a sociedade de uma forma clara e objetiva.

Percebe-se que seria uma grande ajuda se os professores introduzissem novos métodos e muita prática de produção textual, visando um melhor resultado nas aulas de redação e maior interesse e participação dos alunos.

Ter essa preocupação em saber como a escola promove o ensino da escrita irá contribuir muito na educação, pois é o ponto alto de todo o processo, que se for transmitido de maneira correta os educadores podem sentir-se confiantes quanto a formação dos seus educandos.

Este artigo tem por objetivo analisar as dificuldades apresentadas pelos alunos na produção textual, verificar que tipo de estímulo os educadores estão dando aos seus alunos na tentativa de melhorar a produção textual, determinar os métodos e as formas mais adequadas para chamar a atenção dos alunos para a palavra escrita, pesquisar por quais caminhos o professor deve seguir para alcançar o êxito neste aspecto, investigar quais as deficiências existentes na busca de uma reflexão e melhora em suas produções. Refletir um pouco em

como pode-se melhorar e mudar a visão negativa que a maioria dos alunos tem com relação ao texto e a redação.

Escrever é uma arte, e quem não a tem busca meios para alcançá-la. Há alguns anos muitos recorrem a exercícios de desenvolvimento com o objetivo de liberar sua linguagem e pensamento, essa também é uma preocupação de certos autores. Segundo Barbosa (1992), para alcançar tal experiência com a linguagem escrita é preciso fazer uso de alguns exercícios, por exemplo, em uma folha de papel, escrever livremente de um modo solto e despreocupado, para tudo que vier à cabeça, sem parar para raciocinar, sem analisar, deixando o pensamento, a linguagem, as mãos e o corpo completamente à vontade, a mão deve ir escrevendo cada vez mais rapidamente, mais rapidamente, até acompanhar o ritmo do pensamento, sem nenhuma censura, o que vier a cabeça irá para o papel. De acordo com o autor, esse é um dos métodos para aqueles que demonstram ter uma dificuldade maior com a escrita.

Camara (1986) mostra que a eficiência para uma boa comunicação lingüística depende da escolha adequada das palavras e essa arte de bem falar e escrever é chamada de arte da palavra. Acrescenta ainda que a exposição escrita exige estudo e experiência, isso é importante porque cada um tem de saber usar uma boa linguagem para desempenhar o seu papel na sociedade, com relação aos erros na grafia diz que isso põe em evidência a pouca prática da leitura e da língua escrita.

A transmissão da cultura escrita é muito importante para o crescimento de cada geração. De acordo com Derval (2001), pode-se transmitir informação de uma pessoa para muitas outras, mesmo aquelas com as quais não se esteja diretamente relacionado, inclusive pode transmiti-la a para outras pessoas que vivam muitos anos depois ou em lugares distintos.

Diz ainda que se pode aprender dos textos escritos e das idéias, lendo Aristóteles, Confúcio, Shakespeare ou Einstein, mesmo não tendo a oportunidade de encontrá-los

diretamente. É graças a educação que os humanos recebem o conhecimento acumulado pelas gerações anteriores e não tem que partir do zero. Aprende-se na escola e no cotidiano.

Para Feitosa (1991, p. 12), “escrever é parte inerente ao ofício do pesquisador” e não costuma ser tarefa fácil para ninguém. Normalmente, as pessoas “sofrem” muito quando têm que colocar suas idéias no papel, e a primeira razão para esse “sofrimento” está naquilo que é causa e efeito da crise em que se encontra a comunicação escrita, a pouca eficácia do ensino de redação nas escolas e a falta de treinamento específico tanto dos alunos como dos educadores.

Assim, conseguir nos expressar de maneira escrita não é simplesmente construir um amontoado de palavras e orações conforme mostra Bechara (2001). Diz também que existem princípios gerais de dependência e independência sintática e semântica, recobertos por unidades melódicas e rítmicas que sedimentam estes princípios. Dessa forma, entende-se que não é só escrever diversas frases e ter um texto, mas é indispensável uma unidade, é preciso que estas frases sejam coesas e coerentes e então se transforme em um texto.

A língua é um sistema gramatical pertencente a um grupo de pessoas, expressa pela coletividade, é o meio pela qual se concebe o mundo que a cerca e sobre ele age. Celso Cunha (1985) diz que a língua apresenta variações regionais, variações de nível culto, popular, padrão e variações da língua escrita, falada, literária etc.

Contudo, mostra ainda que cabe perceber dentro dessas variações internas o contexto para a utilização da língua. Deve-se ter presente que, a língua padrão, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque atua como modelo, como norma, como ideal lingüístico de uma comunidade.

Segundo Camara (2001), todos nós conhecedores de um determinado tema é, a princípio, capaz de escrever sobre ele. Não há um jeito especial para redação, ao contrário do

que muita gente pensa, há apenas uma falta de preparação inicial, que o esforço e a prática vencem.

Essa falta de preparação inicial que o autor cita, decorre da ausência, muitas vezes, de conhecimento da estrutura do texto a ser elaborado, de elementos substanciais à inteligibilidade textual e da carência de leitura. Na verdade, a prática da leitura é parte fundamental no processo de elaboração de um texto.

Ainda diz que, a arte de escrever precisa assentar, semelhantemente, uma atividade preliminar já firmada, que parte do ensino escolar, e de um hábito de leitura inteligentemente conduzido; depende muito, por tanto, de nós mesmos, de uma disciplina mental adquirida pela autocrítica e pela observação cuidadosa do que outros com bom resultado escreveram.

Para Feitosa (2000), cabe ao pesquisador o trabalho de relatar suas descobertas, pois tão importante quanto descobrir e experimentar coisas é comunicá-las. Escrever está diretamente ligado ao ofício do pesquisador. O trabalho do cientista e do tecnólogo não se esgota na descoberta que faz, nos engenhos que cria, mas é sua responsabilidade comunicar o que descobriu, criou, desenvolveu.

Ainda diz que a comunicação escrita está em crise, e essa crise se faz notar até mesmo no meios mais especializados e intelectualizados, e mesmo quando é muito pouco formal confere a mensagem que se quer ou se deve transmitir, diminuindo os efeitos negativos da transmissão oral do conhecimento.

A definição de escrita para Figueiredo (1994) é que não é um dom e nem um privilégio inato, mas é um trabalho aturado e orgânico, que envolve o fazer e o refazer. O ato de reescritura também é citado por Prestes (2001), quando fala que na escola, a reescritura precisa ser incentivada em todo o processo de produção textual. Os alunos devem ser

estimulados a se tornarem mais atentos ao que escrevem, e quanto ao professor deve auxiliá-los, e respeitar suas estratégias individuais.

O autor acrescenta ainda que o professor deve incentivar seus alunos a leitura separando um momento para essa atividade, pois não é um período que se perde, mas que se ganha, e muito, pois não é usar só a gramática, descontextualizada, que vai colaborar para a formação do sujeito no meio social em que vive, existe a necessidade de se oportunizar aos alunos a leitura de narrativas longas na escola, pois a maioria deles não tem acesso a ela em seu ambiente familiar.

Portanto, é importante estimular também outras leituras, como de revistas, jornais, gibis, livro de contos, crônicas ou poemas, mas, para a realização destas, seria interessante despertar para a importância da visita à biblioteca. Além disso, textos curtos dos mais diversos tipos, retirados desses materiais, bem como de outras fontes, devem ser trabalhados no dia-a-dia da aula de Português, atentando-se, em sua leitura, para seu conteúdo temático, sua estrutura, suas condições de produção, seus mecanismos coesivos, proporcionando aos alunos subsídios para sua produção escrita e para seus conhecimentos lingüísticos.

Avaliar a produção de um texto requer critérios, que o professor como educador deve reconhecer e valorizar, principalmente aos aspectos relativos ao uso dos recursos lingüísticos e à organização estrutural do texto, não apenas fixar atenção à correção ortográfica. A falta de familiaridade com os gêneros textuais escritos dificultam o processo de produção, porque os usuários tem consciência das diferenças existentes entre os gêneros e tentam adequar-se a elas.

Nota-se que é mais difícil construir um texto escrito do que um oral porque, na escrita, não se tem o interlocutor presente, não há como ver suas reações, não se sabe quando e como mudar o rumo da conversa para alcançar o efeito de sentido desejado.

Essa possibilidade também é definida por Golder (1994) e Coirier (1996) que defendem a idéia de que produzir textos argumentativos escritos é mais difícil por questões relacionadas a três fatores básicos: a negociação com interlocutores ausentes; as próprias dificuldades vindas da produção de qualquer texto escrito; e as dificuldades de coordenação das operações complexas do ato de argumentar com as exigências da elaboração de textos escritos.

Nota-se entre os alunos uma dificuldade ainda maior quanto à articulação entre suas idéias. Embora possuam clareza da situação proposta, com relação a adequação do tema, sentem dificuldades em utilizar os recursos lingüísticos para estabelecer a articulação entre as idéias propostas. O ensino de língua portuguesa, que apega-se de maneira tradicional à ênfase na teorização gramatical e na normatividade pode ter levado esses alunos a não desenvolverem tal capacidade.

Atualmente, prega-se a idéia de que deve-se ensinar uma “gramática contextualizada”. Na realidade, muito pouco tem sido dito sobre como deve se dar essa contextualização, então situações como identificar as classes gramaticais nos textos ainda são muito freqüentes.

O que parece estar sendo avaliado apenas, são os aspectos ortográficos gramaticais, pelas quantidades de violações e não pela riqueza de recursos lingüísticos utilizados para manutenção temática e expressividade do texto, pois alguns alunos que produzem textos bons em estrutura, mas cometem muitas violações ortográficas apresentam recursos lingüísticos ricos, com coesão e coerência. Por outro lado, os textos fracos em estrutura apresentaram menor quantidade de violações ortográficas mas foram construídos com poucos recursos coesivos e orações simples.

Para Jolibert (1994), toda atividade de linguagem verbal do homem realiza-se por meio de textos. Para o professor, ensinar a escrever é ensinar a produzir textos e não frases ou parágrafos. Para garantir que uma manifestação verbal seja realmente um texto, há alguns

traços que precisam ser considerados, são elementos que fazem realmente um texto e não uma seqüência de frases meramente sobrepostas. Dentre esses elementos está a coesão textual que mantém um relacionamento com a unidade formal do texto. Trabalhada de maneira única ela não é por si só suficiente, mas ricamente útil, pois, se não houver, a textualidade fica prejudicada e os limites entre texto e seqüência de frases podem não ficar bem definidos.

Um dos grandes problemas que prejudicam a unidade formal do texto e, por sua vez a coesão, é justamente a frase fragmentada, construção que não apresenta partes indispensáveis da oração ou do período. Segundo Chiappini (2000), saber as palavras sem saber seus sentidos, e que a mera repetição não significa que se compreendeu o assunto, não se resume na habilidade de manusear máquinas e instrumentos, já que estes se alteram na sociedade, então mais que informações guardadas o que importa é saber corrigi-las e tirar conclusões a partir daí.

Colocar o texto como unidade de ensino e aprendizagem é tê-lo como subsídio para que haja um diálogo entre ele e outros textos do passado e os que virão no futuro. Direcionar o aluno para ser produtor de textos é colocá-lo como um participante ativo dos diálogos entre os textos e os leitores.

Uma outra tarefa considerada árdua para o professor, é selecionar materiais de leitura para seus alunos, pois, se fazem uso somente dos livros didáticos seu trabalho fica limitado, por outro lado fazer uso de textos de circulação social para a maioria seria mais proveitoso.

De acordo com Kaufman (1995), é indiscutível que os alunos não se formam com leituras escolares de materiais escritos para cumprir exigências de um programa, mas sim com a leitura de diferentes obras com uma diversidade de temas que venham a informar, entreter, argumentar, persuadir, etc.

Mediante os fatos, vê-se a necessidade dos professores aprofundarem tais questões para que não fiquem restritos apenas a superficialidade dos temas abordados e venham a refletir de modo mais preciso acerca do que venha a ser realmente um texto e até mesmo explorar melhor suas características. É importante que o educador possa focalizar o ensino da gramática, de modo a proporcionar para o aluno recursos que venham a tornar o texto mais interessante e coerente, e não usar o texto como pretexto para o ensino de gramática e nem diminuir o ensino de teorizações desligadas ao texto.

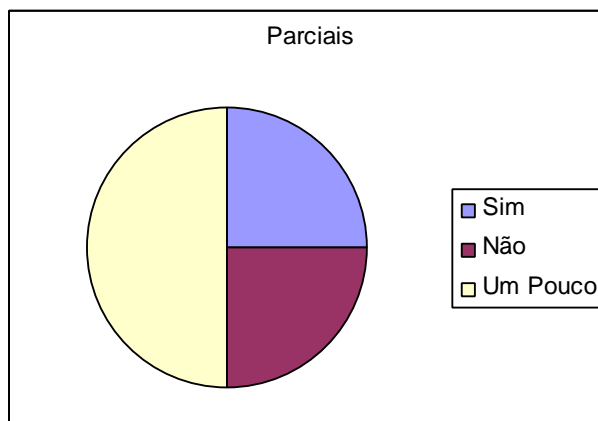
Para obter um resultado mais específico e enriquecer o trabalho, foi feita uma pesquisa com a turma da 5ª série A do turno da manhã do colégio Monsenhor Camélio Costa com uma média de 24 alunos através de questionários, e por meio deles, pode-se defender assuntos relacionados com a leitura e a escrita no contexto escolar.

A primeira pergunta foi com relação ao ambiente familiar, se os pais costumavam estimular o hábito da leitura em casa, esta questão pretendeu analisar se os filhos recebem motivação dos pais quando se fala em leitura, pois sem o incentivo em casa, eles não são estimulados a tirar um tempo durante o dia para tal atividade.

TABELA 01

Respostas	Parciais	Percentual (%)	
Sim	6	25	
Não	6	25	
Um Pouco	12	50	

GRÁFICO 01



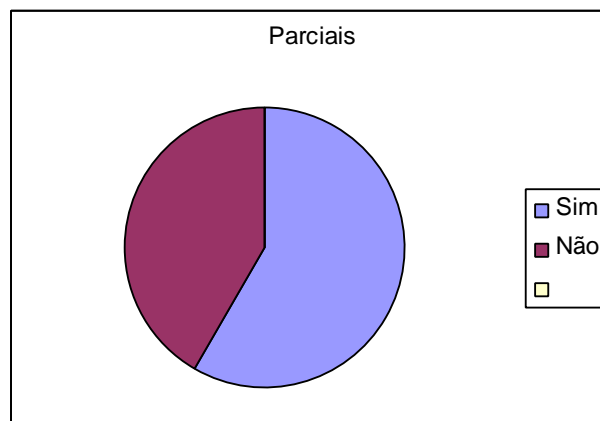
Observa-se que 25% dos alunos responderam que sim, outros 25% disseram não, e 50% responderam que são um pouco estimulados pelos seus pais. Os dados relatados mostram que a motivação é um fator importante para o aluno, e quando dizem que não a recebem em casa torna-se mais difícil para o professor conseguir criar uma intimidade maior entre o seu aluno e a leitura, pois se já tivessem tal hábito tudo seria mais fácil.

A segunda pergunta foi: Você costuma tirar um tempo para leitura? O objetivo da pergunta foi justamente observar se os alunos tem a leitura como importante nas suas vidas, pois se isso ocorre, eles apresentarão menos dificuldades ao trabalharem com a produção escrita e até mesmo notarão uma melhora em seu vocabulário.

TABELA 02

Respostas	Parciais	Percentual (%)
Sim	14	58
Não	10	42

GRÁFICO 02



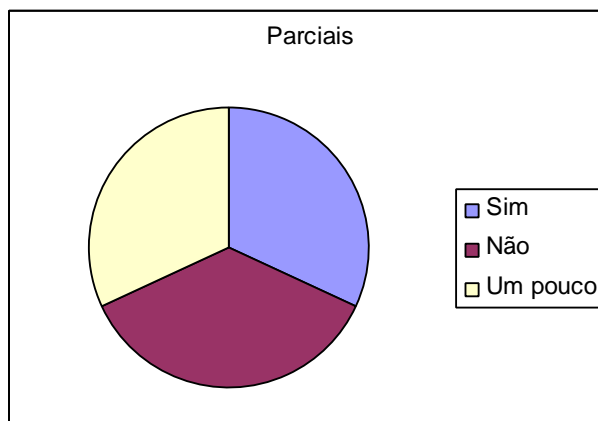
Observando os dados percebe-se que 58% dos alunos tiram um tempinho para ler e outros 41% não procuram fazer o mesmo. Verifica-se que mais da metade da turma lêem, e fazem isso de maneira contínua, e menos da metade talvez deixem essa tarefa apenas para quando estiverem em sala de aula e quando é pedido pelos professores.

Perguntou-se também, se eles gostavam de escrever cartas, poesias, textos e redações, isso com o intuito de saber se a escrita faz parte do cotidiano deles, pois através da escrita pôde-se observar o grau de leitura do aluno, se ele tem costume de ler vai apresentar uma habilidade maior com o seu vocabulário que vai ser amplo.

TABELA 03

Respostas	Parciais	Percentual (%)	
Sim	8	33	
Não	9	37	
Um pouco	8	33	

GRÁFICO 03



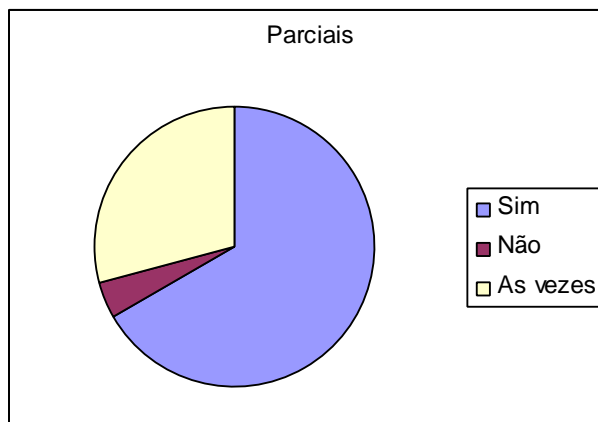
Verifica-se que 33% dos alunos andam praticando o hábito da escrita, 37% deles não praticam e nem gostam, outros 33% exercitam um pouco sua escrita. O resultado a pergunta mostra que em sua maioria não há o interesse quanto a escrita, se o aluno não tem o costume de produzir isso vai dificultar até mesmo o seu censo crítico e a maneira como vai encarar situações futuras.

Através da pergunta: Seu professor costuma trazer textos diferentes para sala? Objetivou-se identificar se existe também o interesse por parte dos educadores nesse aspecto, pois observou-se que a criatividade e o diferente atrai o aluno, se os professores trazem para sala de aula textos os mais diversos possíveis, isso vai ajudar no melhor desempenho e será mais proveitoso.

TABELA 04

Respostas	Parciais	Percentual (%)
Sim	16	66
Não	1	4
As vezes	7	29

GRAFICO 04



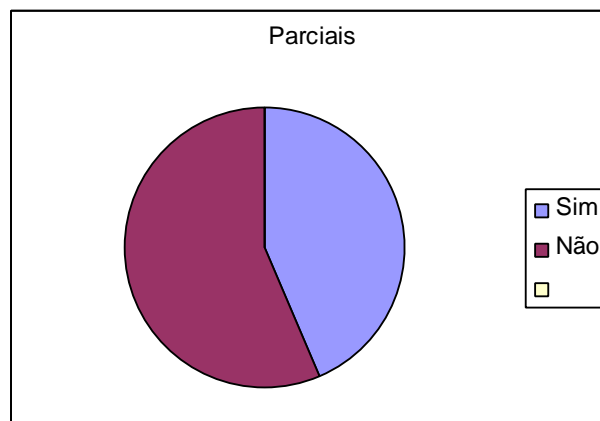
Através dos dados do gráfico, pode-se notar que 66% responderam que os professores costumam levar textos variados para sala, apenas 4% responderam que não, e 29% responderam que as vezes tem aula com uso de diferentes tipos de textos. Diante das respostas observa-se que há uma freqüente tentativa de mudar um pouco o estilo de aula e chamar a atenção dos alunos, pelo fato dos professores levar até a sala um material diferente ao que os alunos já estão acostumados e que vem somar em seus conhecimentos.

Uma outra pergunta feita aos alunos, foi se o professor incentiva a prática da leitura e costuma levá-los à biblioteca. Diante desse questionamento, Teve-se como finalidade mostrar que é de suma importância o incentivo do professor nesse aspecto, que tenha como costume trabalhar com textos no cotidiano escolar e que busquem usá-los bastante e de diferentes formas, para que os alunos na hora que tiverem de produzir seus próprios textos não tenham tanta dificuldade com os assuntos que irão abordar dentro de um determinado tema.

TABELA 05

Respostas	Parciais	Percentual (%)
Sim	10	41
Não	13	54

GRAFICO 05

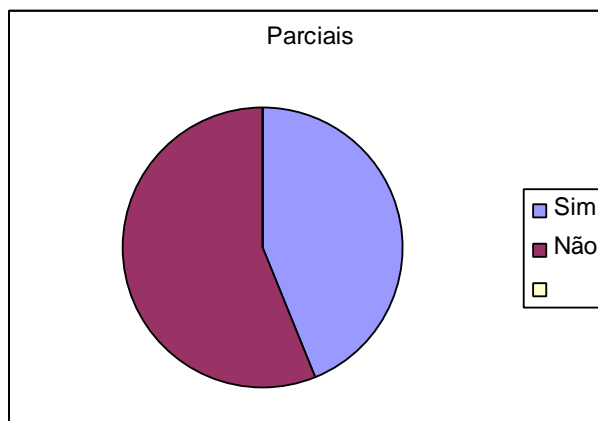


Percebe-se que embora a escrita seja incentivada, a leitura não é, pois, 41% da turma responderam que sim e um pouco mais, cerca de 54% disseram que seus professores não tem por hábito incentivá-los à leitura e nem levá-los à biblioteca com frequência. Tais resultados mostram que se os professores não estão trabalhando a leitura com seus alunos fica difícil que mais tarde se tornem produtores de textos significantes, e muito menos que se tornem sujeitos críticos.

Através da pergunta: Você tem dificuldades em produzir textos?, objetivou-se observar o que atrapalha muitas das vezes o desenvolvimento dos alunos quanto a produção textual, quando existe o problema, é de grande valor que o educador esteja atento a tais dificuldades para poder satisfazer a necessidade dos seus alunos ajudando-os a melhorar cada vez mais.

TABELA 06

Respostas	Parciais	Percentual (%)	
Sim	11	45	
Não	14	58	

GRAFICO 06

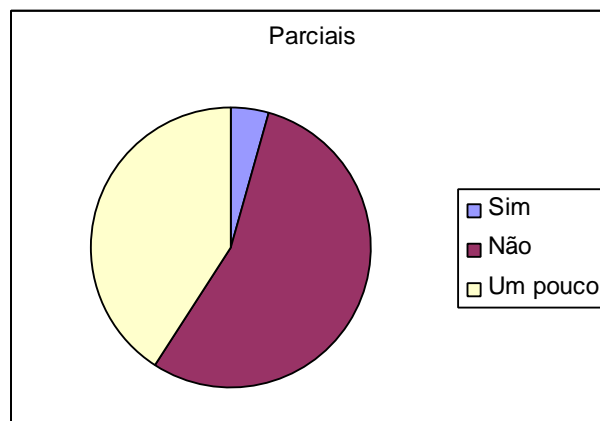
Os resultados mostram que 45% da turma tem essa dificuldade, enquanto que na sua maioria, cerca de 58%, não possui o mesmo problema. Consegue-se perceber com os resultados, que pelo menos a maioria consegue ir em frente sem atropelos quando o assunto é produzir, criar, mas, por outro lado, é bem importante que o professor fixe sua atenção a essa outra parte que não consegue se sentir muito a vontade com a realização de tal tarefa e perceber qual a melhor forma de ajudá-los nesse sentido.

Quando questionou-se a dificuldades com a leitura, teve-se por finalidade tentar entender o porquê que isso ocorre, pois se o aluno sente dificuldade para ler logicamente terá problemas com a escrita, no que acarreta problemas também na hora de produzir, pois fica difícil falar sobre algum assunto quando não se tem um domínio sobre um tema abordado.

TABELA 07

Respostas	Parciais	Percentual (%)	
Sim	1	4	
Não	12	50	
Um pouco	9	37	

GRAFICO 07



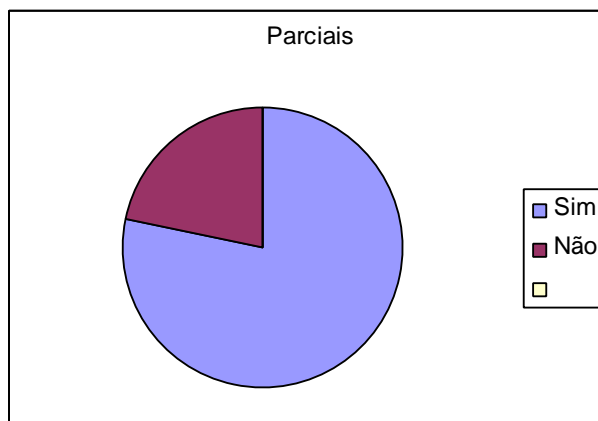
O resultado a essa pergunta foi: 4% disseram que sentem dificuldade na hora de ler, 50% responderam que não apresentam esse problema e em média 37% dos alunos sentem apenas um pouco de dificuldade. Diante dos resultados, notamos que fazendo uma comparação, uma minoria na turma não se sente muito a vontade com a leitura, talvez por essas dificuldades, que podem ter surgido por uma série de fatores, como a falta de apoio dos próprios pais, dos professores, para se ter acesso a tais informações é preciso que se saiba o currículo escolar desses alunos desde o início da sua educação.

Por fim, perguntou-se aos alunos se eles gostam de estudar, com isso pretendemos observar o grau de interesse dos alunos com os estudos, pois para todas essas necessidades apresentadas é preciso primeiramente que se tenha vontade de aprender, se eles gostam de estudar fica até mais fácil para melhorar suas dificuldades.

TABELA 08

Respostas	Parciais	Percentual (%)
Sim	18	75
Não	5	20

GRÁFICO 08



O percentual mostra que 75% gostam de estudar, enquanto que aproximadamente 20% responderam que não gostam, e se não gostam é porque não está se proporcionando prazer a esses alunos na hora de se passar esse conhecimento, pois o que fazemos na vida se tiver presente o deleite em está fazendo tal atividade tudo se torna mais fácil e prazeroso, é importante essa auto análise por parte dos educadores e que possam avaliar o que pode ser útil para melhorar a qualidade de seu ensino.

Através da pesquisa feita com o uso dos questionários, pôde-se observar que a motivação a leitura é um fator importante para o aluno, e esse incentivo precisa começar em casa por parte dos pais, pois, os alunos necessitam ter a leitura como importante nas suas vidas e com isso apresentarão menos dificuldades quando for trabalhar com textos e mesmo apresentarão uma melhora no vocabulário.

Um outro resultado obtido com a pesquisa foi a importância de ter a escrita como parte do cotidiano, e com relação a este aspecto há uma necessidade de melhora na turma, que em sua maioria pôde-se observar a falta de interesse com relação a escrita, o que dificulta ainda mais seus problemas com a produção e o seu censo crítico.

Pôde-se perceber que para voltar a atenção dos alunos a leitura , aos textos e conseqüentemente a escrita seria importante que os professores procurassem levar para seus alunos a criatividade e o diferente, pois observou-se que isso atrai os alunos, ajuda no melhor desempenho e será mais proveitoso para ambos.

O professor é uma figura muito importante para os alunos em toda a sua vida escolar, por isso os educadores são incentivados a manter o costume de trabalhar sempre com textos e que procurem usá-los bastante e de diferentes formas, assim se tornará mais fácil quando eles tiverem que criar seus próprios textos sobre um determinado assunto.

Quanto mais o aluno ler, mais hábil ficará, pois, se tem problemas com a leitura conseqüentemente terá dificuldade com a escrita, que por sua vez torna-se difícil produzir um texto sobre determinado tema, por não ter conhecimento sobre o assunto abordado, portanto, é preciso uma amplitude de informações para escrever.

Pretendeu-se que este trabalho proporcionasse, de forma muito sintética, mas objetiva e estruturante, uma familiarização com os principais cuidados a ter na melhora de desempenho dos educadores e educandos da 5ª série do colégio estadual Monsenhor Camélio Costa com as dificuldades na produção textual. Para satisfazer este objetivo, optou-se por fazer uma pesquisa através de questionários, e por meio deles, pode-se defender assuntos relacionados com a leitura e a escrita no contexto escolar.

Pensa-se que o resultado obtido satisfaz os requisitos de objetividade e pequena dimensão que pretendia atingir. Pensa-se também que constituirá um auxiliar útil, de referência frequente para o leitor que pretenda construir um ideal a respeito desses problemas existentes na produção de textos. Faz-se notar, todavia, que ninguém se pode considerar perfeito neste tipo de tarefa. A arte de escrever constrói-se no dia-a-dia, através da

experiência e da cultura. Assim, as indicações deste texto deverão ser entendidas como um mero primeiro passo, para uma jornada plena que nunca terá fim.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Severino Antônio M., 1951- Redação: escrever é desvendar o mundo / Severino Antônio M. Barbosa, [colab] Emília Amaral. _ 8. ed. _ Campinas, SP. Papyrus, 1992. _ (Série educando)

BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa, 37. ed. Revista e ampliada , Rio de Janeiro :Editora Lucerna, 2001.

CAMARA Junior, Joaquim Matoso, 1904-1970. Manual de expressão oral e escrita / por/ J. Matoso Câmara Jr. 9ª ed. Petrópolis, Vozes, 1986. 160 p.

CAMARA JR, Joaquim Mattoso, Manual de expressão oral e escrita. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CUNHA, Celso Ferreira & CITRA, Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. 2. ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1985.

DELVAL, Juan. Aprender na vida e Aprender na escola/ Juan Delval; trad. Jussara Rodrigues. _ Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

FEITOSA, Vera Cristina. Redação de textos científicos, 4. ed. São Paulo: Papyrus, 1991.

FIGUEIREDO, Olívia. Escrever: da teoria à prática. In: PRESTES.

GOLDER, C. & Coirier, P. Argumentative text writing: developmental trends. Discourse Processes, 1994, pg.187-219.

GOLDER, C. & Coirier, P. The production and recognition of typological argumentative text markers. Argumentation, 10, 1996, pg. 271-282.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. Leitura e (Re) escritura de textos: subsídios teóricos e práticos para o seu ensino / Maria Luci de Mesquita Prestes. _ 4. de. rev. e corr. _ Catandura, SP: Editora Rêspel, 2001.